

REPRESENTAÇÕES E REPRESENTANTES: AS MULHERES NA *BANDE DESSINÉE*Representations and represented women in *bande dessinée*

Fabício Gerald Lima
 UFPel
 Nádia da Cruz Senna
 UFPel

RESUMO

O relato contempla a pesquisa em torno da presença feminina no quadrinho europeu, reconhecido como *bande dessinée*, com intuito de situar autoras e personagens em narrativas pautadas em biografias de mulheres célebres ou histórias pessoais. A produção alinhada a essa vertente é plena de dramas, complexidades e sofisticação narrativa, se instaurando como “literatura desenhada”, na definição de críticos e quadrinistas. A seleção compreende premiados quadrinhos autobiográficos como *Persépolis*, de Marjani Satrapi, as biografias quadrinizadas de Tina Modotti e Kiki de Montparnasse, as narrativas gráficas de Julie Maroh e Aya de Yupougoun, e, ainda, a *graphic novel Fun home: uma tragicomédia em família*, de Alison Bechdel. A análise se detém sobre os aspectos narrativos e estéticos das obras selecionadas para observar como se dá o resgate/construção de identidades, memórias e vivências.

PALAVRAS-CHAVE: mulheres; quadrinhos; identidades.

ABSTRACT

The report includes the research about the female presence in the European comic, recognized as *bande dessinée*, in order to locate authors and characters in narratives of famous women or personal stories. This production is full of drama, complexity and sophistication, being classified as “drawn literature” in the definition of critics and cartoonists. The selection includes award-winning autobiographical comics as *Persepolis*, by Marjani Satrapi, the biographies comics of Tina Modotti and Kiki de Montparnasse, the graphic narratives by Julie Maroh and Aya Yupougoun, and the graphic novel *Fun home: a family tragicomic*, by Alison Bechdel. The analysis focuses the narrative and aesthetic aspects to observe how the authors perform the rescue/construction of identities, memories and experiences.

KEYWORDS: women; comics; identities.

A presença feminina nos quadrinhos é o tema central de várias pesquisas que temos desenvolvido junto ao grupo “A caixa de Pandora” (Centro de Artes, UFPel), voltado aos estudos culturais e de gênero. Nosso interesse é investigar o protagonismo feminino nos quadrinhos, considerando representantes e representações, para estudar estéticas e narrativas, investigar posturas libertárias e identidades que rompem com modelos tradicionais, dando a ver complexidades que envolvem a mulher na contemporaneidade.

Esse trabalho se detém no levantamento realizado em torno da produção europeia, reconhecida como *bande dessinée*¹, compreendendo obras pautadas em biografias de mulheres célebres, autoras alinhadas ao quadrinho autobiográfico, e, narrativas que mesclam histórias

¹ Essa denominação se refere à forma como as histórias em quadrinhos são reconhecidas na Europa, mais especificamente em países como a França e a Bélgica, berço de artistas que contribuíram com inovações na linguagem. A sigla BD também é comumente utilizada para se referir a produção e comparece no texto.

personais e realistas no âmbito da ficção. A seleção contempla a autobiografia *Persépolis*, as biografias quadrinizadas de Tina Modotti e Kiki de Montparnasse, as novelas *Azul é a cor mais quente*, *Aya de Ypoungoun* e *Fun home: uma tragicomédia em família*. Essa última, embora filiada ao *comic* norte-americano, comparece pela sensibilidade e semelhança de abordagem.

Um dos aspectos que diferencia a *bande dessinée* (BD) dos *comics*, principalmente nos primórdios da produção (primeira metade do século XX), é a categoria voltada ao público adulto, que marca presença na BD, percorrendo todos os gêneros: policial, aventura, ficção científica, comédia, terror, erotismo, etc. Nos EUA, por exemplo, ficção científica se alia com aventura, e tem como alvo o público juvenil. Porém, é justamente em meio ao imaginário futurista que surge uma personagem revolucionária – Barbarella. Ícone da cultura pop, a criação de Jean Claude Forest em 1962, flertava com o movimento feminista, experimentando nos quadrinhos a liberdade sexual que as mulheres reclamavam para si nas marchas e no movimento.

Descolada e liberal, a personagem foi alvo de polêmicas, ampliando a discussão sobre recepção e reverberações dos produtos da indústria cultural no cotidiano, aspectos políticos e engajamentos sociais. Tudo isso ficou mais exacerbado depois da adaptação cinematográfica, realizada por Roger Vadim, em 1969, com Jane Fonda no papel da heroína, dando alcance mundial para a personagem.

Barbarella influenciou inúmeros artistas dos quadrinhos, fazendo surgir protagonistas femininas em diferentes produções. Contudo, o apelo erótico permanece como característica principal nas produções que se seguem. Na França, temos como seguidoras: *Lês aventures de Jodelle* (1966) e *Pravda, la survivreuse* (1968), de Guy Peellaert; *Scarlett Dream* (1966), de Gigi e Moliterni; *Lolly Strip*, *Paullette* e *Blanche Epiphanie*, criações de Georges Pichard integram essa farta galeria de personagens femininas erotizadas. Cabe destacar as inovações estéticas que esses autores imprimiram aos seus trabalhos, trazendo contribuições do design e da Pop Art para os quadrinhos, rompendo regras e códigos, fazendo evoluir a linguagem também em termos gráficos e sequenciais.

Nos quadrinhos italianos, também reconhecidos como *fumetti*, comparecem sensuais e mortíferas mulheres, principalmente junto ao gênero *fumetti néri*², *Diabolik* (1962) e *Satanik* (1964) são representantes notórias desse elenco. Porém, Valentina, a musa onírica de Guido Crepax, é unanimidade. A bela encarna com desenvoltura as múltiplas facetas da mulher moderna, trabalha como fotógrafa, é mãe e amante liberada, vivendo fantasias no seu mundinho e no universo ilimitado dos seus sonhos. Ainda na Itália, destacam-se as sedutoras personagens de Milo Manara, artista célebre pela beleza e sensualidade que imprime às suas personagens femininas, e Druuna de Eleuteri Serpieri. Esses autores exploram o erotismo em diferentes nuances, para alguns críticos e especialistas as obras ultrapassam esse limite tênue que as separa da pornografia, sendo comumente censuradas em vários países.

Na Inglaterra, surgiram versões extremas e um tanto lisérgicas de Barbarella, como Halo Jones, de Alan Moore, e Tank Girl, de Alan Martin e Jamie Hewllet. A ficção científica e o mundo apocalíptico funcionam como pano de fundo para discutir questões próprias da sociedade e da nova mulher que vai se delineando, nos tumultuados anos 80, do século XX.

A influência da BD de cunho erótico reverbera nos Estados Unidos, com o surgimento de Vampirella, de Forrest J. Ackerman, em uma mescla dos gêneros erótico, *space opera* e horror. O próprio nome da personagem já revela a referência para a sua criação, que também contou com a colaboração de artistas importantes dos quadrinhos americanos como Trina Robbins e Frank Frazetta, que definiram a roupagem e o desenho original, respectivamente. E, de filiação *underground*, surge a heroína sadomasoquista Phoebe Zeit Geist, escrita por Michael O' Donoghue e desenhada por Frank Springer. Ambas as produções são do final dos anos 60 e acompanham os movimentos de contracultura que despontavam nessa época.

Os quadrinhos europeus também buscaram inspiração em mulheres emancipadas e sexualmente libertárias da vida real. Segundo Danner e Mazur, a vertente biográfica, autobiográfica

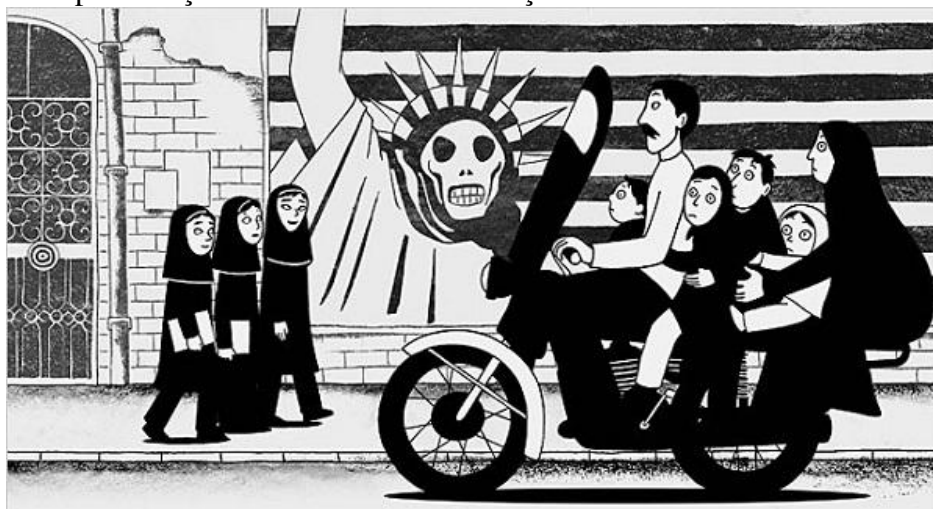
² Quadrinhos policiais italianos, violentos e eróticos. O *fumetti néri* se identifica com a estética noir veiculada por filmes, quadrinhos e seriados.

e as ficções de apelo intimista e realista eram uma estratégia para criar narrativas fora dos padrões escapistas que tinham acarretado uma estagnação da *bande dessinée* nos anos 1980. Surgidas dentro do movimento editorial L'Association³, encontram em Edmond Baudoin um pioneiro que vai ativar e influenciar esse novo viés. *Le portrait* (1990), de sua autoria, é uma BD onde explora a relação existente entre o artista plástico e a sua modelo. A partir do exemplo de Baudoin, surgiram histórias que passaram a explorar como temáticas biografias de artistas e personalidades, onde destacamos as adaptações enfocando notáveis mulheres.

Uma primeira experiência recompensadora no formato almejado por L'Association foi a corajosa BD – *Persépolis*. Escrita entre 2000 e 2003 pela iraniana Marjane Satrapi, a narrativa compreende a infância da autora em meio ao opressivo sistema do Irã após a revolução islâmica de 1979, sua formação como artista e sua decisão de emigrar para a França. A ressonância política explosiva (Figura 1) em meio a discussão de gênero desencadeada por *Persépolis* foi além do esperado, levando os quadrinhos autobiográficos europeus ao mundo dos best-sellers.

Na sua simplicidade gráfica, seu entrelaçamento da vida cotidiana com a fantasia e o simbolismo e seu tom acessível, *Persépolis* é representante da sensibilidade da L'Association. O elemento que o diferenciava era a ressonância política do assunto. A facilidade enganosa com a qual Satrapi combina narrativa pessoal com questões da política pós-colonial e de gênero atraiu um amplo público internacional para o livro, tornando-o um marco do fenômeno da *graphic novel* nos Estados Unidos e vários outros lugares. (MAZUR; DANNER, 2014, p. 256)

FIGURA 1 – A representação do cotidiano e da situação social da mulher iraniana em *Persépolis*.



Fonte: Google Images.

Em *Persépolis*, a artista, mulher e militante política se faz presente, tecida em meio ao ambiente familiar, com riqueza de detalhes históricos e afetivos, compondo uma personagem feminina fascinante. A obra tornou-se um marco do quadrinho autobiográfico europeu contemporâneo, influenciando produções de jovens quadrinistas, principalmente, mulheres a se aventurarem pela linguagem. Sua repercussão positiva indicou o quanto o público estava suscetível a esse tipo de produção e que esse era um nicho a ser trabalhado, dado os poucos títulos existentes, até então.

Na esteira vieram obras inspiradas na vida de artistas e mulheres célebres. As musas, Tina Modotti e Kiki de Monparnasse, por exemplo, serviram como referência para criar histórias em

³ Organizada como cooperativa, foi fundada em 1990 por Jean-Christophe Menu, Lewis Trondheim, Patrice Killoffer, David B. Stanislas, Matt Konture e Mokeit. Os quadrinhos autobiográficos eram uma estratégia fundamental da L'Association, refletindo a influência de Maus de Art Spiegelman (publicado na França em 1987) e do trabalho de Edmond Baudoin.

quadrinhos, que além de contar histórias de vida inspiradoras, resgatam o papel e a luta das mulheres dentro do sistema das artes ao longo da história. As biografias quadrinizadas trazem trajetórias e iluminam mulheres importantes, nem sempre projetadas ou lembradas pela produção realizada, ainda pouco presentes nos livros de história ou na história da arte.

Em *Modotti*: uma mulher do século XX, Ángel de la Calle⁴ explora de forma sensível e cuidadosa a biografia da fotógrafa e militante política Tina Modotti. Embora exista o contexto sexual em *Modotti*, já que a vida íntima e os relacionamentos são expostos, não é esse o foco adotado. A BD sobre Modotti prima pela representação dos ideais e da luta de uma mulher, em meio à contextualização do cenário das artes plásticas do período em que viveu. Aparecem retratados todos aqueles que foram decisivos para a sua formação artística, como o fotógrafo Edward Weston, os pintores Diego Rivera e Frida Kahlo (Figura 2). A arte, a arquitetura e a literatura se fazem presentes ao longo da obra. Paul Klee, Eduard Munch, Pablo Picasso, Maiakóvski, Ezra Pound e Pablo Neruda constam entre as referências e citações, contribuindo para o sabor estético e didático que a narrativa alcançou.

FIGURA 2 – Contexto artístico em *Modotti*.



Fonte: Google Images.

Também se destaca como inovação dessa obra, a narrativa paralela, exercício de metalinguagem adotado por De la Calle para apresentar a pesquisa realizada na construção da BD⁵. O autor introduz a si mesmo como um personagem, artista e pesquisador, comparecem as viagens empreendidas, as visitas a museus, instituições e as discussões com amigos e biógrafos para alcançar todas as dimensões dessa mulher. Em determinado momento, em exercício de fantasia, autor e biografada se esbarram nas páginas do álbum. Esta foi a forma de demonstrar seu respeito e admiração pela artista, se envolvendo diretamente com o objeto de arte que produziu; com a musa que retratou.

A trama de *Kiki de Montparnasse*, de Catel Muller e José-Louis Bocquet, também se desenrola no cenário das artes e comparecem nomes reconhecidos e obras pontuais da vanguarda do início do século. Um dos destaques é a relação com Man Ray, artista que lhe catapultou para o estrelato, como a musa irreverente da obra *O violino de Ingres* (Figura 3).

⁴ Ángel de la Calle é um ilustrador e quadrinista atuante no cenário underground europeu desde o final dos anos 70, quando publicou seus primeiros quadrinhos na revista Star. Também desenvolve trabalhos como designer gráfico, escritor infanto-juvenil e ativista cultural.

⁵ Modotti levou quinze anos para ser concluída; a primeira parte foi publicada em 2003, sendo indicada para concorrer nas categorias Melhor Obra e Melhor Roteiro no Salón Internacional Del Cómic de Barcelona. Ángel de la Calle estudou a obra dos biógrafos anteriores, buscou os catálogos, cartas e fotografias, atravessando fronteiras, recriando a trilha seguida por Tina Modotti.

FIGURA 3 – Kiki de Montparnasse na *bande dessinée* de Muller e Bocquet e na fotografia de Man Ray.

Fonte: Google Images.

Em relação a Modotti, o apelo erótico de Kiki fica evidenciado, pautado pelas diferenças entre suas carreiras e personalidades. Modotti experimenta a transformação da musa em artista, a modelo passa a operar a câmara, e a fotógrafa, por sua vez, cede seu lugar à mulher engajada, daí virar um mito é consequência da trajetória ímpar vivenciada. Em *Kiki de Montparnasse*, também acompanhamos a transformação da personagem, calcada no caráter libertário e em uma sexualidade vivida em plenitude, sem amarras morais ou religiosas. Vivendo em uma época em que a sociedade concebe restritos papéis às mulheres, Kiki integra o grupo das malditas, formado por todas aquelas que não se submetem aos códigos e insistem em bradar as claras seu inconformismo. Se por conta disso pagam um preço alto demais, esse mesmo comportamento desenfreado faz avançar um discurso mais igualitário e menos limitante para a mulher.

Tina Modotti e Kiki de Montparnasse dão a ver um feminino empoderado, cuja liberdade de acesso e produção em meios, geralmente de domínio masculino, como as artes plásticas e a política são relevantes, trazendo uma contribuição estética e social hoje reconhecida, mas ainda pouco divulgada. A sensibilidade presente nas biografias quadrinizadas mostrou um caminho diferenciado para a representação do erotismo e da identidade sexual da mulher nessa linguagem, gerando influências positivas nos demais produtos da cultura visual.

Azul é a cor mais quente também surpreende pelo enfoque sensível que concebe ao erotismo feminino. A BD de Julie Maroh apresenta as inquietações, alegrias e percalços da descoberta da identidade sexual na adolescência (Figura 4). A obra da autora, assumidamente feminista, narra a relação homossexual entre duas meninas, durante o período turbulento do governo francês de Nicholas Sarkozy. Política, sensibilidade, erotismo e identidade feminina preponderam, mas agora na ficção de cunho intimista e pessoal. Embora dotada dos sentimentos e de algumas referências à própria juventude de Julie Maroh, a *bande dessinée* não é autobiográfica.

FIGURA 4 – A sensibilidade na retratação erótica da relação homossexual adolescente em *Azul é a cor mais quente*, de Julie Maroh.



Fonte: Google Images.

A repercussão de *Azul é a cor mais quente* extrapolou o universo dos quadrinhos, devido a sua polêmica adaptação para o cinema, engrossando a discussão de gênero. A obra do diretor Abdellatif Kechiche causou furor por conta da longa sequência de sexo entre as duas personagens, onde comparece a intimidade explícita, sem a sutileza dos quadrinhos. A crítica reconhece o olhar do produtor masculino que concebe a obra para um expectador masculino e heterossexual; ou seja, no filme a mulher é objeto do *voyeur*, o discurso se contrapõe ao feminismo e a amorosidade que Maroh experimenta e dá a ver. Controvérsias a parte, a garota de cabelos azuis acabou por se tornar símbolo de homossexualidade assumida. Um modismo, por ocasião do lançamento do filme, foi colorir os cabelos de azul, tanto para as meninas quanto meninos, como forma de declarar sua opção sexual.

O caráter intimista e o estilo de representação visual das BDs encontraram reflexo nas *graphic novels* americanas que, há tempos, vem buscando construir um gênero de ficção adulta. Em meio as produções alinhadas a essa perspectiva destacamos *Fun home: uma tragicomédia em família* (2006), de Alison Bechdel:

A combinação de literatura de intimidade com a capacidade de criar empatia por meio de representação fez a *graphic novel* especialmente eficaz na apresentação de histórias de momentos complexos e traumáticos da vida. Além de *Retalhos*, de 2003, também chegou ao mercado norte-americano a tradução em língua inglesa do primeiro livro de Marjani Satrapi, *Persépolis*. Os dois títulos foram sucesso de vendas e de crítica, representando um papel importante no fortalecimento da *graphic novel* nas prateleiras das livrarias tradicionais. Seguiu-se uma série de memórias fascinantes destacando-se *Fun home* [*Fun home: uma tragicomédia em família*], de Alison Bechdel (2006), com a exposição magistral de sua experiência de assumir a homossexualidade após o suicídio de seu pai enrustido, que marcou mais um passo importante para o reconhecimento da *graphic novel* como forma madura de expressão. (MAZUR; DANNER, 2014, p. 296, 297)

Pode-se perceber, nas páginas de *Fun home* (Figura 5), que os quadrinhos autobiográficos europeus delinearão o rumo para os artistas norte-americanos. A obra de Bechdel ganhou o Eisner Award de 2007, o que evidencia o trabalho inovador e contínuo da autora na retratação da homossexualidade feminina⁶, elemento que conquistou público diverso dos leitores gays.

⁶ Desde 1983, Alison Bechdel desenha a tira *Dikesto Watch Out For* (mais ou menos “olhando as lésbicas”).

FIGURA 5 – Cena de *Fun home*. Literatura, cultura popular e discussão de gênero comparecem na obra intimista de Alison Bechdel.



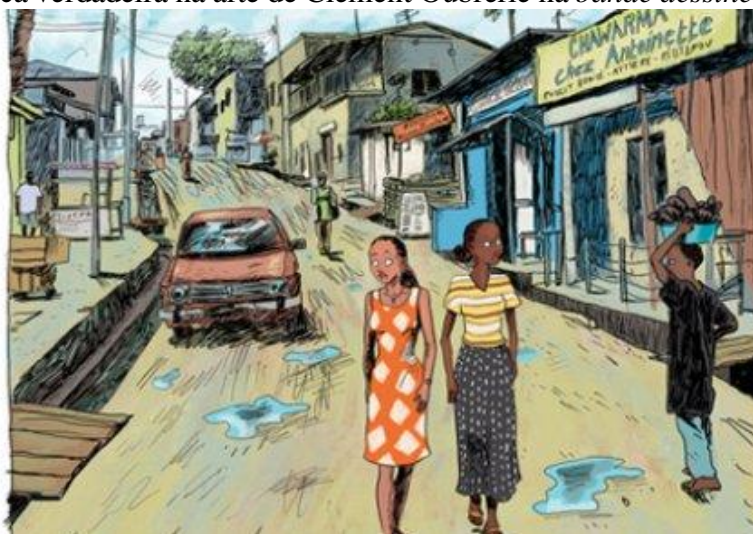
Fonte: Google Images.

Fun home se diferencia de *Azul é a cor mais quente*, no que diz respeito à temática de identidade sexual, pois não se vale do erotismo para evidenciar o discurso inclusivo e libertário. O cotidiano e o drama familiar são esmiuçados na tentativa de compreender os relacionamentos, os papéis sociais, o lugar de cada um e a falta de lugar para outros.

Vale ressaltar que esse movimento acaba por se refletir na própria *bande dessinée*, que tanto influenciou a produção, que vai se distanciando do apelo erótico na representação de narrativas com personagens femininas.

Aya de Yopougoun (*Aya of Yop City*) é outra BD que comparece em nossa pesquisa, pela atualização que promove à representação da mulher negra. Crônica do cotidiano na África, mais precisamente Costa do Marfim, no final dos anos 1970, a obra reflete as experiências vividas pela própria autora Marguerite Aboutet. A narrativa se insere em uma linha que os críticos literários vem chamando de autoficção, termo cunhado por Serge Doubrovsky em 1977, com referência ao seu romance *Fils*, pois mistura dois estilos, aparentemente contraditórios, autobiografia e ficção. Em *Aya*, tal como em *Azul é a cor mais quente*, comparecem os relatos, as lembranças pessoais para dar origem a uma obra ficcional. Comparece uma África desprovida de clichês típicos e desenhada de forma singela por Clément Oubrerie (Figura 6), que constrói um retrato social, detalhando comportamentos e gostos, principalmente dos jovens, não muito diferentes dos jovens ocidentais.

FIGURA 6 – A África verdadeira na arte de Clément Oubrerie na *bande dessinée* *Aya de Yopougoun*.



Fonte: Google Images.

Aya é uma jovem que mora em uma comunidade pobre, próxima à cidade mais rica da Costa do Marfim. Enquanto suas amigas se perdem (ou se afirmam) nos dilemas juvenis e apelos do sexo, Aya nutre o sonho de estudar medicina, contrapondo o estereótipo associado às meninas de sua comunidade. Assim como a Marjane de *Pérsopolis*, Tina Modotti, Kiki, Alison Bechdel e as meninas criadas por Julie Maroh em *Azul é a cor mais quente*, Aya é uma personagem que luta para estabelecer uma identidade própria como mulher e como mulher negra.

Em todas essas obras, pudemos perceber como os autores souberam construir sólidas narrativas onde foi possível visualizar o panorama das novas personagens femininas dos quadrinhos contemporâneos. O quadrinho autobiográfico e as narrativas de ficção intimistas e pessoais se revelaram terreno fértil para tramas que não submetem as personagens femininas aos estereótipos ofensivos e, ou, limitados ao apelo erótico. Finalmente aparecem nos quadrinhos mulheres mais próximas da realidade, vivendo dramas complexos e situações cotidianas, possibilitando tomada de posições e uma discussão crítica em torno das questões de gênero.

Referências

- ABOUEY, Marguerite; OUBRERIE, Clément. *Aya de Yopougon*. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- BECHDEL, A. *Fun Home: uma tragicomédia em família*. São Paulo: Conrad, 2007.
- CALLE, Ángel de la. *Modotti: uma mulher do século XX*. São Paulo: Conrad, 2005.
- HERNÁNDEZ, Fernando: *Catadores da cultura visual*. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LOURO, Guacira Lopes. *Corpo, gênero e sexualidade*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- LUCCHETTI, Marco Aurélio. *As sedutoras dos quadrinhos*. São Paulo: Opera Graphica, 2009.
- LUKE, Carmen. Feminist pedagogy and critical media literacy. *Journal of Communication Inquiry*, n.182 (2), p. 30-47, 1994.
- MAROH, Juliette. *Azul é a cor mais quente*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- MAZUR, Dan; DANNER, Alexander. *Quadrinhos: história moderna de uma arte global*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- MULLER, Catel; BOCQUET, José-Louis. *Kiki de Montparnasse*. Rio de Janeiro: Galera Record, 2010.
- SATRAPI, Marjane. *Pérsopolis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SENNA, Nádia: *Deusas de papel: a trajetória feminina na HQ do Ocidente*. Dissertação (mestrado), Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 1999.
- _____. *Donas da beleza: a imagem feminina na cultura ocidental pelas artistas plásticas do século XX*. 2007. Tese (doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

Recebido em: 6 jan. 2016.

Aprovado em: 7 mar. 2016.